MENSAL N.º 72 MAIO 2018 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

PAÍS BAÍSCO

bruxas de Blergh

minoria absoluta

o fim da eta

Editorial 5
Uma inesgotável esperança

Leituras 6
Sara Figueiredo Costa

Estante 15
Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

O fim da ETA e a normalização da convivência 20
Ricardo Viel

Bruxas de Blergh 29
Sara Figueiredo Costa

Minoria Absoluta 45
Andreia Brites

And The winner Is... 55
Andreia Brites

Espelho Meu 57
Andreia Brites

Saramaguiana

País basco 60
Pilar del Río
Jonan Fernández

Agenda 68

Epígrafe 74

blimunda n.º 72, maio 2018

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação José Saramago
The José Saramago Foundation

Casa dos Bicos

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat
10-18h 10 am to 6 pm

No dia 12 de março de 2005 foi apresentada em Barcelona uma obra conjunta de Antoni Tàpies e José Saramago, intitulada *Pela Irreversibilidade*. Trata-se de um quadro do pintor catalão acompanhado de um texto do escritor português. O projeto tinha como objetivo apoiar a luta da sociedade basca pela paz no País Basco. Este mês de maio, finalmente, a ETA (Euskadi Ta Askatasuna, que em euskera significa País Basco e Liberdade) declarou a sua dissolução. Para trás ficam décadas de atentados, execuções e intimidações. Por diante fica a necessidade de se curarem traumas e de se aprender a conviver. A sociedade civil basca é a maior responsável pelo fim do terrorismo da ETA. José Saramago infelizmente não pôde comemorar essa notícia, mas deixou expressa, no texto que acompanha a peça de Tàpies, a sua esperança de que a paz chegaria.

Uma inesgotável esperança

«É certo que existe uma terrível desigualdade entre as forças materiais que proclamam a necessidade da guerra e as forças morais que defendem o direito à paz, mas também é certo que, em toda a História, só pela vontade dos homens a vontade doutros homens pôde ser vencida. Não é com forças transcendentes que teremos de confrontar-nos, mas sim, e apenas, com outros homens. Trata-se, portanto, de tornar mais forte a vontade de paz que a vontade de guerra. Trata-se de participar na mobilização geral da luta pela paz: é a vida da Humanidade que assim estaremos defendendo, esta de hoje e a de amanhã, que talvez se perca se não começarmos a defendê-la agora mesmo. A Humanidade não é uma abstracção retórica, é carne sofredora e espírito ansioso, e é também uma inesgotável esperança. A paz é possível se nos mobilizarmos para ela. Nas consciências e nas ruas.» José Saramago

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

A literatura e os amores LGBT

A literatura clássica, tanto grega quanto romana, é povoada destes "apenas bons amigos" que lutam e morrem abraçados nas glórias do heroísmo, como Nisus e Eurílalos na Eneida.

No site da editora Rocco, do Brasil, Samir Machado de Machado assina um texto que convida os leitores a percorrerem a história da literatura sem os preconceitos que a história e as sociedades foram cimentando relativamente às questões de género e orientação sexual. Em «Uma história da literatura LGBT», o autor lança pistas para leituras menos canónicas de alguns clássicos, mostrando que o amor entre pessoas do mesmo sexo sempre esteve presente na criação literária: «Assim o leitor atento irá perceber que, por exemplo, o centro nervoso da Ilíada de Homero não é o rapto de Helena — esse é somente o ponto de partida, mas a vingança de Aquiles contra Heitor, por este ter matado seu amante Pátroclo. Ainda que, ao longo do tempo, sucessivas traduções tenham tentado disfarçar isso ao colocar Aquiles e Pátroclo como "apenas bons amigos". A literatura clássica, tanto grega quanto romana, é povoada destes "apenas bons amigos" que lutam e morrem abraçados nas glórias do heroísmo, como Nisus e Eurílalos na *Eneida*.

Ou que, no tempo de Shakespeare, mulheres eram

proibidas de atuar nos palcos, e os papéis femininos eram interpretados por homens efeminados, vestidos de mulheres — ou como se dizia no teatro da época, em travesti. Isso mesmo: a Julieta de *Romeu e Julieta* foi um papel originalmente escrito para ser interpretado por um homem. Não só ela, como todas as personagens femininas de Shakespeare.

Ou que *Moby Dick* é centrado num bromance de alto simbolismo erótico entre Ishmael e o canibal Queequeeg, uma amizade que começa ao dividirem uma cama, é selada "como um casamento", e onde um é salvo, ao final, pelo corpo do outro. Isso sem considerar todo o simbolismo fálico da baleia branca e dos próprios marinheiros — seamen, em inglês. Billy Budd, o livro seguinte de Herman Melville, de publicação póstuma, tratava abertamente do desejo homossexual de um oficial por um marinheiro.» ➔

O Museu das «Descobertas»

não é admissível pensar a expansão portuguesa e a europeia dissociadas das narrativas dos ocupados e dos vencidos, dos seus acervos, quando os há, e da sua narrativa sobre a expansão.

Numa altura em que, em Portugal, se discute a possibilidade de construir um museu dedicado ao período da expansão marítima portuguesa, várias têm sido as vozes envolvidas num debate sobre a pertinência desta construção e, mais relevante, sobre o modo como a narrativa contemporânea olha para este período, com que instrumentos críticos, com que atenção ao peso da terminologia e não apenas à cronologia das conquistas territoriais e das trocas comerciais. Num artigo originalmente publicado numa newsletter, e posteriormente republicado no site Buala, António Pinto Ribeiro propõe uma reflexão sobre a pertinência (ou a sua ausência) de um museu como este: «Do mesmo modo como não é equacionável fazer um museu da história da ciência que terminasse num planisfério em que o sol e todos os corpos celestes girassem à volta da terra, não é admissível pensar a expansão portuguesa e a europeia dissociadas das narrativas dos ocupados e dos vencidos, dos seus acervos, quando os há, e da sua narrativa sobre a expansão. Como também não é possível equacionar a expansão sem o atlântico negro, o colonialismo e o imperialismo.

Já o dissemos atrás. Um museu é tudo menos um recetáculo. Num museu contam-se histórias, compõem-se reportórios que organizados de uma determinada maneira, produzem um sentido comprometido com a razão de ser do projeto. Advogar um museu das descobertas é proclamar um memorial que imporia uma memória forjada, legitimando e institucionalizando um imaginário que negaria a existência e a epistemologia subsequente à revolução do pensamento pós-colonial e ameríndio e à investigação

da nova história dos impérios.» E, mais adiante: «Depois de demonstrar a impossibilidade da construção de um tal museu das descobertas a partir do conceito de justa narrativa, permito-me demonstrar a sua impossibilidade técnica. A ambição afinal é bem pequena para os que advogam a construção de tal museu, aparentando mais um fétiche do que um verdadeiro objetivo. Que acervo existe específico das viagens da expansão e conquista? Haverá objetos dispersos por coleções nacionais e internacionais, mas que proprietários estariam disponíveis para os cederem para um museu de exposição permanente? E se o acervo disponível é parco, os objetos são escassos, a construção de réplicas com todas as embarcações das épocas em causa são técnica e financeiramente impossíveis, os despojos desaparecidos ou escondidos, os documentários ou ficções relativas ao mesmo inadequados a este tipo de contentor são financeiramente limitadoras. Seria um museu de miniaturas? E miniaturas de quê? E – o mais importante regressando ao problema das múltiplas narrativas, quem as iria narrar e com que material já que a maioria dos testemunhos plásticos ou literários existentes são de autoria europeia os portugueses ou em todo o caso dos europeus e não dos índios, dos africanos, dos indianos? E sendo um museu um instrumento fulcral de hierarquização de factos e de memórias que lugar ocupariam os portugueses e que lugar ocupariam os povos e as nações conquistadas?» ➔

A Academia em decadência

La confianza del mundo exterior en la Academia se ha desvanecido porque no hizo frente al acoso sexual, la corrupción y las filtraciones de manera rápida, clara ni uniforme.

O anúncio foi feito há poucas semanas: em 2018, não haverá Prémio Nobel da Literatura. Se tudo correr bem, para o ano que vem a Academia Sueca indicará dois laureados, para compensar a interrupção. Os motivos explicam-se pelos sucessivos escândalos que têm envolvido vários membros da Academia, nomeadamente as acusações de assédio sexual, que já levaram a algumas demissões. No suplemento *Babelia*, do diário espanhol *El País*, o escritor sueco Gabi Gleichmann escreve sobre este momento conturbado nas mais altas esferas do meio literário, analisando a decadência da Academia Sueca e a falta de confiança que passou a merecer do público leitor: «La confianza del mundo exterior en la Academia se ha desvanecido porque no hizo frente al acoso sexual, la corrupción y las filtraciones de manera rápida, clara ni uniforme, a pesar de las sospechas de que se habían cometido delitos. Ese es probablemente el motivo de que haya decidido prescindir de su tarea más glamurosa e importante: designar a la persona que va a recibir el Premio Nobel de Literatura este año. Con la pérdida de credibilidad que ha sufrido, es prudente interrumpir esa labor. Además, en estos momentos, solo quedan 10 miembros, y la pregunta es, después de que tantos escritores hayan dejado vacíos sus puestos, si los miembros que quedan son realmente los que tienen mayor sensibilidad literaria.» ➔

Descobrir José Almino de Alencar

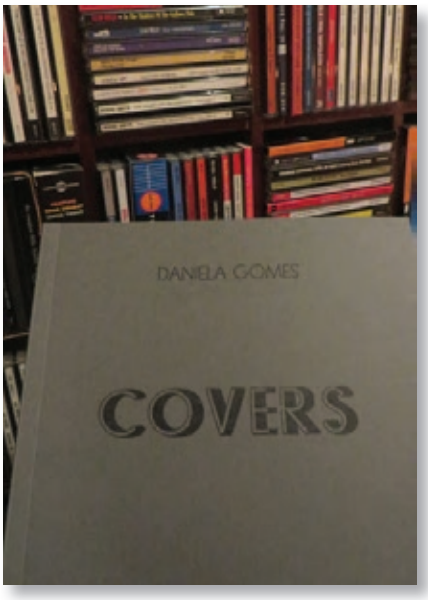
Ele sinaliza, aponta, faz rápidos contrapesos, surpreende com alguma informação crucial, ensina.

Na revista brasileira *Quatro Cinco Um*, dedicada aos livros e ao pensamento, Caetano Veloso escreve sobre o escritor pernambucano José Almino de Alencar, a propósito da edição recente de um livro que reúne alguns

dos seus textos dispersos, *Gordos, Magros e Guenzos: Crónicas* (Cepe).

«Sou de um Brasil que não acreditava no mundo exterior. Zé foi o meu primeiro guia quando, sem entender, me vi no grande mundo, fora de casa: ele era, de repente, ao mesmo tempo a casa e o mundo — e com isso me mostrava a possível realidade extramuros. Isso se deu na dimensão física, anedótica. E se expandiu depois nas formas intelectual e estética. Zé tem sido, desde então, um dos meus mestres, um dos meus nortes. Ele sinaliza, aponta, faz rápidos contrapesos, surpreende com alguma informação crucial, ensina. Ainda na anedota de nossas vidas. No livro da reunião de escritos seus, isso acontece por meio de peças artísticas despretensiosas e deslumbrantes. Ali há de tudo o que importa. A menção a Machado de Assis vem com a vivência entranhada de sua literatura; a citação de Paulo Mendes Campos surge como reeleição do autor mineiro ao Olimpo da nossa inteligência; o anúncio de Tupan Sete experimenta o mistério do quase inexistente; a lembrança da frase de Valéry a respeito da superioridade da poesia sobre a prosa ecoa a vida do Recife, de Paris, de Nova York, cidades que têm suas prosas sempre poéticas na solidão do exilado.» ➔

No verso das canções



COVERS
Daniela Gomes
Paralelo W

As ilustrações de Daniela Gomes convivem frequentemente com livros e revistas de poesia, num trabalho que é complementar, cumprindo o sentido etimológico do verbo ilustrar, mas também dialogal. Editoras como a Averno ou a Alambique, revistas como a *Telhados de Vidro* ou a *Cão Celeste*, têm publicado vários trabalhos da autora, reconhecendo-se um traço que assume diferentes modos plásticos mas onde certas formas de olhar surgem com regularidade, como a atenção à respiração e ao funcionamento das coisas – os aglomerados florais, ou viscerais, a ideia de organismo, a mecânica de certos objectos –, ou o detalhe na estrutura das fisionomias, sempre focado na expressão emocional.

Neste pequeno livro, *Covers*, cujo formato assume, numa escala mais pequena, o formato de um disco de vinil arrumado na respectiva capa, colocam-se em diálogo versos de canções e imagens. Do lado dos versos, onde há algum ecletismo, mas sobretudo muita melancolia, surgem autores e intérpretes como Leonard Cohen, New Order, Nick Cave & The Bad Seeds ou Aldina Duarte, sempre em página ímpar. Ao lado, nas páginas par, pequenas vinhetas, composições que sobrepõem desenho e manchas de cor a velhas fotografias. Estes trabalhos já se mostraram ao vivo na livraria Paralelo W, em Lisboa, no início deste ano, na exposição *Between Light and Nowhere,* com título retirado de uma das canções

escolhidas para o livro («Hope There's Someone», de Anthony and the Johnsons, do disco *I Am a Bird Now*). Agora, reúnem-se num volume portátil, de uma delicadeza material que não deixa de relacionar-se com essa profunda associação que por vezes fazemos entre canções, imagens e o que guardamos dos dias.

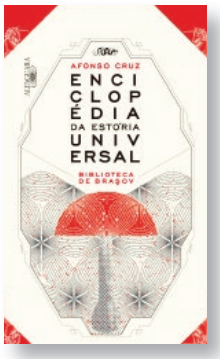
A relação entre versos e imagens não é imediata ou unívoca. Por vezes, há um certo mistério nos corpos e fisionomias de quem surge nas fotografias, como acontece na imagem da mulher de fato de banho, o corpo apoiado numa rocha, olhando para um ponto qualquer à sua esquerda que já está fora do enquadramento, ou o homem de quem apenas se vê o corpo, vestido com um fato, transportando uma pasta, e iluminando em tons de sépia o verso de Leonard Cohen, «I told you when I came I was a stranger». Outras vezes, é o traço de Daniela Gomes que garante à imagem original a certeza de um sentido pleno, como a composição onde duas mulheres surgem sentadas lado a lado, provavelmente no chão, e a trama desenhada sobre a fotografia, compondo uma imagem quase vegetal, parece a única transposição pictórica possível para os versos cantados por Aldina Duarte, «Nas varandas enlaçadas/ Pelas heras da saudade» (da canção «Casa-Mãe/Cidade», do disco *Apenas o Amor*). Independente dos muitos modos de relacionamento entre texto e imagem, o que parece assumir-se como linha de força neste livro é uma ideia de intimidade, algo a que ilusoriamente acedemos como se pudéssemos entrar na memória sonora e afectiva de quem assina o livro, para depois podermos assumir como nosso, ao conseguirmos convocar as memórias próprias – as sonoras, claro, mas também as visuais e todas as outras – para esta dança entre linguagens.

Ainda que o formato do livro remeta para os velhos discos de vinil, estas *Covers* não são, afinal, capas que pudessem envolver o disco cujos versos retomam, mas antes camadas semânticas que se agregam, simultaneamente, às fotografias de base e às canções que com elas se relacionam. Como uma estatigrafia pictórica e sonora, acrescentando sentidos e direcções múltiplas a ambas as linguagens, mas sobretudo à gramática íntima que nelas antevemos, por dela nos podermos, de certo modo, apropriar.

NA RÚSSIA, COM RILKE

Lou Andreas-Salomé
Relógio d'Água

Escrito entre abril e agosto de 1900, em Moscovo, este diário de viagem coloca Lou Andreas-Salomé perante o país da sua infância, acompanhada de Rainer Marie Rilke, com quem tinha uma relação amorosa na época. A viagem pelo território será, igualmente, viagem de descoberta de si própria, num percurso que se revelará essencial para a escrita futura da autora. **SFC**



ENCICLOPÉDIA DA ESTÓRIA UNIVERSAL. BIBLIOTECA DE BRAŞOV

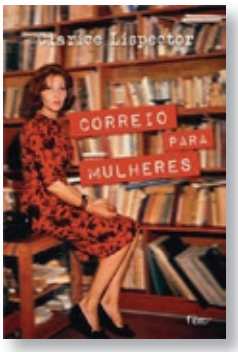
Afonso Cruz
Alfaguara

O novo volume da *Enciclopédia da História Universal*, um dos projetos mais ambiciosos de Afonso Cruz, colige várias demonstrações de sabedoria da obra de Malgorzata Zajac ou Petar Stamboliski, deambula por reflexões sobre a vida e a morte, regista a semelhança entre o cérebro humano e certas pinturas de Bosch ou Miguel Ângelo e percorre espaços tão necessários como o Museu do Sentido da Vida. **SFC**

LA MUJER QUE DIJO BASTA

Charo Nogueira
Libros.com

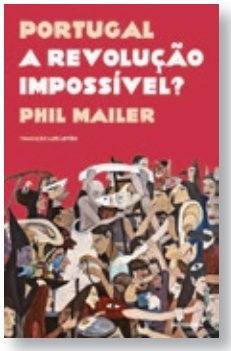
Monografia dedicada ao percurso biográfico de Ana María Pérez del Campo Noriega, figura central da luta pelos direitos das mulheres em Espanha, desde o franquismo até ao presente. Atualmente com oitenta anos, a biografada continua a assumir o seu lugar na discussão sobre o feminismo e as desigualdades, sendo o seu testemunho, aqui entregue à jornalista Charo Nogueira, essencial para se compreender o que mudou na Espanha das últimas décadas e o tanto que ainda há para ser mudado. **SFC**



CORREIO PARA MULHERES

Clarice Lispector
Rocco

Nem todos os leitores de Clarice Lispector conhecerão o seu trabalho na imprensa, nomeadamente as cartas e conselhos que dirigia às mulheres, sob pseudónimo. Este livro reúne os textos destas colunas ditas femininas já publicados em dois livros anteriores, *Correio Feminino* e *Só Para Mulheres*, ambos com organização de Aparecida Maria Nunes, que estudou a obra da autora e, particularmente, esta faceta menos destacada do seu trabalho. **SFC**



PORTUGAL: A REVOLUÇÃO IMPOSSÍVEL?

Phil Mailer
Antígona

Nova edição do livro assinado por um autor irlandês, politicamente identificado com os movimentos libertários, que acompanhou em presença a catadupa de acontecimentos do PREC, registando-os e analisando-os à luz das características históricas e sociológicas que podem ajudar a definir os portugueses enquanto comunidade. **SFC**

O FABRICANTE DE BONECAS DE CRACÓVIA

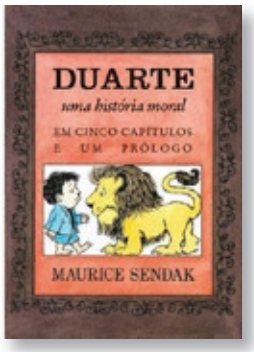
R. M. Romero
Presença

A história passa-se no período histórico da 2.ª guerra mundial na cidade polaca de Cracóvia e junta a fantasia através de Karolina, uma boneca com vida, e do amargurado fabricante de bonecas que a acolhe e tem poderes mágicos, a uma família de judeus. A amizade entre todos e a perseguição de que os segundos são vítimas é o tema desta narrativa muito alicerçada numa moral que eleva as personagens a uma perfeição excessiva. **AB**

O GATO E A ORQUÍDEA

António Mota
Joana Quental
Zero a Oito

A literatura faz-se de símbolos, imagens e caminhos que contam uma história com muito dentro, sejam emoções, críticas, factos, mistérios... António Mota conta uma história de emigração a partir de uma perspetiva infantil. Nessa perspetiva os desejos misturam-se com os medos, a saudade com a alegria e o peso das coisas tem a mesma hierarquia. O desejo de Catarina realiza-se, mas com ele uma perda. Isso significa crescer, quiçá perder a inocência, refletir. Quando é contado com subtileza ganha o tal sentido literário. **AB**



CANJA DE GALINHA COM ARROZ, O LIVRO DOS MESES / DUARTE, UMA HISTÓRIA COM MORAL, EM CINCO CAPÍTULOS E UM PRÓLOGO

Maurice Sendak
Kalandraka

Saíram em 2018 mais dois títulos didáticos de Sendak, que se juntam aos três editados entre 2016 e 2017. Apesar da *décalage* temporal, as histórias rimadas, plenas de trapalhadas e jogos de palavras continuam a entrar diretamente na lógica livre do público infantil. Aquilo a que muitas vezes se chama nonsense funciona como uma moral própria que dá a ver o potencial de liberdade e ação das crianças, e até a sua maldade eventual. Por isso, mesmo nesta coleção de alfabetos, meses do ano, numerários e outros que tais, a didática é mais um pretexto para pensar e criar. **AB**

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGÃ
Capital do Cavalo

10 ANOS YEARS AÑOS

Fundação José Saramago

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

Ricardo Viel entrevista Jonan Fernández

O fim da ETA e a normalização da convivência

“Finalmente. É toda uma vida trabalhando nisto”, disse Jonan Fernández no dia em que se tornou pública a notícia do fim da ETA (Euskadi Ta Azkatazuna, que em euskera significa Pátria Livre e Liberdade). Nascido em 1962, três anos depois da fundação do grupo armado, ele viveu de perto a violência promovida pelo grupo separatista basco. E, a partir de 1992, começou a trabalhar para que essa história de violência acabasse. Ajudou a fundar o Elkari, plataforma cidadã que tinha por objetivo trabalhar pela paz no País Basco, e depois esteve na direção de outras entidades ligadas ao processo de paz na região. Em 2013, Jonan Fernádez assumiu o cargo de Secretário Geral de Direitos Humanos, Convivência e Cooperação do Governo Basco. Nesta entrevista à *Blimunda*, fala sobre o significado do fim da ETA e dos desafios que a sociedade basca tem para conseguir virar essa triste página da sua história.

A sensação que tive ao visitar o País Basco é de que não se falava muito sobre o fim da ETA. É um sinal de normalização na vida das pessoas?

Sem dúvida, para a sociedade basca o final da ETA foi em 2011, o que aconteceu agora foi uma certificação daquele final. Mas além disso, o final da ETA chega muito tarde, com uma sociedade muita cansada, e naqueles tempos de 2011 estamos no início de uma crise económica e de emprego muito importante que fazia com que a sociedade estivesse preocupada com outras questões. Podemos dizer que nestes sete anos o assunto «fim da ETA» envelheceu muito rapidamente e, portanto, não faz parte de uma prioridade para a sociedade basca.

Quem diferenças práticas há entre a ETA ter anunciado em 2011 que abandona as armas e ter agora deixado de existir?

Isso tem efeitos políticos e simbólicos muito importantes. A sua existência, o facto de se manterem activas a sigla e uma certa estrutura, tinha um peso simbólico muito importante em relação ao passado e às vítimas. Ainda que nos últimos anos não provocasse atentados, para as vítimas e para a sociedade no seu conjunto, o facto de a ETA existir era algo doloroso na medida em que representava a lembrança de um passado repleto de violações de direitos humanos e de momentos de muito sofrimento. Isto do ponto de vista das vítimas e da memória crítica para a sociedade. E do ponto de vista político, a manutenção da ETA dificultava também uma normalização das relações entre

a esquerda abertzale, que representa o mundo político e que acompanhou a ETA todos estes anos, e o resto das forças políticas. De modo que o desaparecimento da ETA contribui para uma maior normalização da convivência. E também tem efeitos na política penitenciária porque, na medida em que desaparece como organização terrorista, desaparece definitivamente o risco de que os presos pertençam a um grupo armado. E isso pode e deve modificar a análise que se faz na possibilidade de reinserção dos reclusos na sociedade.

Fala-se muito agora numa «batalha pelo relato». Como trabalha o governo basco para que a história não seja branqueada, para que se conte realmente o que aconteceu?

O governo e o parlamento Basco criaram o centro Gogora, Instituto da Memória, Convivência e Direitos Humanos, que é um instituto que trabalha para clarificar o que aconteceu no passado. E também existe a Secretaria de Paz e Convivência do Governo Basco, que trabalha em dois pilares: clarificar o que aconteceu e fazer uma reflexão crítica sobre esses acontecimentos. E, nesse sentido, somos partidários de que as diferentes formas de violência que aconteceram tenham uma análise autónoma sobre a sua história, realidade e efeito. Ou seja, a história do terrorismo e da violência da ETA merecem uma análise autónoma, própria, sobre a injustiça dos danos causados em cada um dos seus atentados, dos seus assassinatos e violações de direitos humanos. E também se devem analisar outros fenómenos de terrorismo e violência que acontece-

Jonan Fernández

ram com uma dimensão quantitativa menor, por parte de algumas organizações como os GAL e outros grupos parapoliciais, principalmente nos últimos anos do franquismo, durante a transição e no começo da democracia. Tudo isso integra a memória crítica do passado, tudo o que supôs violações de direitos humanos deve ser analisado com uma avaliação crítica e sem exclusão, mas também sem nenhuma espécie de compensação. Ou seja, sem utilizar um caso para compensar ou tirar importância a outros.

Como recebeu o comunicado da ETA, divulgado dias antes da dissolução do grupo, em que se pede perdão apenas a parte das vítimas?

De forma muito crítica, o governo basco condenou esse comunicado por entender que não é admissível que se possa estabelecer uma diferença entre vítimas culpáveis e inocentes. Todas as vítimas são inocentes porque ninguém tem o direito de tirar a vida de outra pessoa e de violar os direitos humanos de ninguém.

Como fazer para que, após tanta violência e por um período tão longo, se possa conviver no País Basco? Que políticas têm sido adotadas?

Temos três ou quatro linhas estabelecidas nesse sentido. O objetivo final, de presente e de futuro, é uma convivência conciliada ou reconciliada que se desenvolva num marco de concordância. Para isso é fundamental, antes de mais, que haja políticas de re-

conhecimento e reparação às vítimas. E nesse sentido foram criadas leis importantes para a reparação às vítimas não só do terrorismo mas também vítimas de abusos policiais. Outra linha é a política de memória, a que já fiz referência, que se desenvolve especialmente através do instituto Gogora e tem por objetivo compartilhar diferentes perspectivas memoriais a partir de um núcleo comum, que é o repúdio a quaisquer forma de terrorismo, violência e violação de direitos humanos acontecidas no passado. Há também outra linha importante que é a modificação da política penitenciária a partir de um ponto de vista humanitário. É muito importante que os presos possam cumprir as suas penas em prisões próximas aos seus lugares de origem ou residência, como estabelece a lei, para favorecer o processo de reinserção e para que as famílias não sejam punidas, sem necessidade, com esse afastamento. E junto a tudo isto há uma aposta decidida em construir uma sociedade integrada e não dividida em mundos à parte, em trincheiras, em vencedores e vencidos. A sociedade tem que viver de uma maneira integrada e integradora.

Em 2011 teve início um projeto envolvendo presos que se tinham desligado da ETA e estavam dispostos a fazer uma autocrítica, reconhecer o erro e pedir perdão. Eram promovidos encontros para que essas pessoas conversassem. Embora a avalia-

ção sobre os efeitos tenha sido positiva o projeto foi suspenso. Porquê?

É um programa que foi implementado na legislatura do Presidente José Luis Rodriguez Zapatero. No seu governo foram dados os primeiros passos, cerca de 30 presos participaram nessa primeira etapa. Mas, com a chegada do governo de Mariano Rajoy, o programa foi bloqueado. Apesar disso, estes presos, por decisão judicial, puderam desenvolver vias de reinserção baseadas nos princípios da autocrítica sobre os delitos que cometeram. É uma boa experiência, puderam estabelecer contato com as vítimas e todas as partes avaliaram de forma positiva esse programa. E na opinião do governo basco esse é o caminho que deve ser seguido. Segundo a Constituição Espanhola, a finalidade da pena é a reeducação e ressocialização das pessoas presas. E, portanto, vias como estas devem ser estabelecidas.

bru
xas

vulvas e feitiços contra o brasil de Temer

Poucos meses depois do *impeachment* que afastou Dilma Rousseff da presidência do Brasil, colocando Michel Temer no seu lugar – numa operação política que muitos cidadãos não hesitaram em chamar de golpe – , um colectivo de artistas, professoras e investigadoras reunia-se em Belo Horizonte. A vontade comum era a de encontrar modos de lutar contra a desigualdade de género, na política como na arte, e o momento político brasileiro parecia exigir uma atitude nesse sentido. As Bruxas de Blergh nascem, assim, em Setembro de 2017, no Bar Olympia, e dessa primeira reunião brotam muitas ideias que serão discutidas entre todas e levadas à prática num futuro próximo.

Participantes activas nas manifestações contra Temer, bem como noutros movimentos sociais e culturais que vão marcando o presente no Brasil sem que os meios de comunicação social mais tradicionais vão dando notícia disso deste lado do Atlântico, as Bruxas de Blergh chegaram, ainda assim, a Portugal. A responsável foi a editora Sapata Press (ver *Blimunda* #65), projecto criado em Portugal por Cecília Silveira com o objectivo de editar trabalhos de mulheres, pessoas transsexuais e não-binárias, que em Março passado publicou o fanzine *As Bruxas de Blergh*, colocando o colectivo brasileiro em destaque na última edição da Raia, feira de edição independente e dando aos leitores

portugueses a oportunidade de o conhecerem. E logo nas primeiras páginas, as decisões programáticas das Bruxas de Blergh afirmam-se sem manifesto nem hierarquia, numa dupla prancha que inclui a representação das suas integrantes (com cabeças de animais) e a expressão dos seus desejos: «Vamos fazer tudo o que a gente quiser»; «cada desejo»; «provocar medo, espanto, ser bem bruxa»; «o que cada uma quiser fazer, nós vamos fazer».

A leitura do fanzine confirma esta vontade de total liberdade. As propostas que vão surgindo nas reuniões do colectivo incluem a colagem de imagens de vulvas pela cidade de Belo Horizonte, a apologia do prazer feminino, a discussão aberta sobre sexualidade, auto-determinação e desejo ou, naquela que talvez seja a mais plástica das intervenções do grupo, a incorporação dos gestos e das práticas do vudu na luta política, criando bonecos com o rosto de políticos ou outras personalidades que podem ser usados (inclusive, por encomenda) para exorcizar as acções destas pessoas e a sua interferência na vida quotidiana dos cidadãos.

Numa entrevista via email com o colectivo, a urgência que parece afirmar-se a cada página do fanzine relativamente à existência das

Bruxas de Blergh tornou-se clara e polifónica, com cada uma das suas integrantes a acrescentar algo à conversa. E antes de lhes darmos a palavra, duas notas: os nomes das intervenientes são, obviamente, pseudónimos, utilizados como assinatura no fanzine e nas acções de rua protagonizadas pelo colectivo; sempre que o léxico possa oferecer alguma dúvida aos leitores menos familiarizados com a coloquialidade brasileira (nomeadamente no que diz respeito às partes da anatomia feminina, frequentemente referidas nesta conversa), acrescentaremos uma nota, mantendo, assim, a espontaneidade da conversa.

> *O vosso colectivo nasce em Belo Horizonte e ganha força nestes últimos tempos que o Brasil tem vivido. De que necessidade, urgência ou vontade (ou tudo isto, talvez) nasce esse gesto de organizar um colectivo feminista?*

Aranha: A urgência foi que a gente percebeu que o circo estava montado e a fogueira estava quase pronta! Falamos: se 'tão querendo queimar a gente, vamos revidar antes que seja tarde. Vamos jogar bosta neles, vamos apelar p'ras forças ancestrais da grande xoxota [vulva]! No meio disso tudo, montado o primeiro zine, mataram a Marielle Franco... O golpe que a gente 'tá vivendo no Brasil é um golpe misógino, de Dilma à Marielle, é um golpe contra as mulheres e é um golpe racista também...

Coala: No Brasil, temos de lidar a todo momento com situações de machismo. No trabalho, na escola, na família, no hospital, no círculo de amizades... nosso corpo sempre é medido e controlado. Entendemos que o Estado nos explora e é conivente com toda forma de violência causada às mulheres. Acontece que, entre 2002 e 2016, quando o nosso país foi governado pelo Partido dos Trabalhadores, mesmo com tantos problemas, vivemos um momento um pouco mais otimista: as mulheres que passavam fome tiveram alguma assistência do Governo e puderam alimentar seus filhos, outras, negras, receberam algum incentivo, através da cotas, para entrar na universidade. No período entre 2013 e 2016, em que fomos governados por uma presidenta mulher, foi instituída uma lei contra a violência doméstica, entre outras coisas. Mas desde 2016, quando sofremos um golpe e a presidenta eleita foi destituída de seu cargo e substituída por seu vice golpista, além de nos darmos conta da fragilidade de nossa democracia, sentimos na pele o que é ser mulher nesse país. A presidenta Dilma era ofendida de todas as formas, inclusive com ameaças explícitas de estupro por grande parte da população. P'ra gente foi a gota d'água. Se nem o nosso voto nem a nossa voz eram

as bruxas de Bleragh

ouvidos, resolvemos nos unir e executar algumas ideias, que podiam ser desde realizar uma ação pela cidade até fazer um feitiço ou fumar um beque ou andar de bicicleta.

Murssega: [risos]

Kalanga: O golpe parlamentar-empresarial-midiático-jurídico de 2016 também foi machista e isso se evidencia na fotografia do novo ministério de Temer, em que ele está acompanhado só de homens brancos, velhos, vestidos com ternos cinzentos, e que contrasta com o ministério da Dilma, em que havia mais mulheres, e mulheres negras, vestidas com roupas vermelhas e de outras cores. Desde então também estão surgindo censuras a exposições de arte que tratam do tema da diversidade sexual e fazem críticas à hipocrisia da igreja. Essas censuras são estimuladas pela bancada da Bíblia no poder político (aqui chamamos de bancada da Bíblia, da bala e do boi às representações políticas na Câmara e Senado das forças religiosas conservadoras, da repressão policial e do agro-negócio). Judith Butler também foi hostilizada no Brasil quando veio dar uma palestra. Pensamos que, como resposta a isso, não deveríamos ter medo e recuar (não deveríamos "temer"), ao contrário, deveríamos intensificar nosso modo de ser e colocar em prática e escancarar todos os nossos desejos. Acho que dessa vontade de ação surgem as bruxas.

Serpente: O cerne ontológico do nosso problema abriga o racismo e o machismo em suas profundas camadas epistêmicas, enunciadas em um padrão incomensurável diante das perspectivas futuras a curto e médio prazos.

Que referências, dúvidas e lutas vos trouxeram até aqui, juntas?

Serpente: Vontade de quebrar o pau

Aranha: Top!

Kalanga: Acho que, primeiro, uma vontade de fazer coisas juntas e nos sentir mais fortes, assim no meio de um contexto tão hostil. Como a gente veio das artes plásticas, nos conhecemos desde esse meio, nossas primeiras referências também surgem daí. Penso na «estratégia da alegria» desenvolvida por Roberto Jacoby como forma de resistência durante a ditadura argentina, que valoriza o caráter disruptivo da alegria, da invenção e da festa como formas legítimas de resistência, de cuidado

SEÇÃO 1

Diário Oficial

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

IMPRENSA NACIONAL — BRASÍLIA — DF

ANO CXXXVI - Nº 168 — QUARTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2018

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Concurso "Vaginas em Monumentos*" Prefeitura Livre de Belo Horizonte

A A Prefeitura Livre do município de Belo Horizonte vem por meio deste tornar público resultado de projetos selecionados para o concurso "Vaginas em Monumentos*" O edital, de número (1) (!) ((()), de ampla concorrência, tem por objetivo equilibrar as forças matriarcais da cidade, ressignificando os monumentos públicos da cidade, especialmente aqueles que remetem ao antig[illegible]rcado falocêntrico pré-revol[illegible] Seguem [illegible]ão e [illegible] pública a[illegible]ciona[illegible] o Pirulito

Art. 3º Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.

Art. 4º São criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Educação Física.

Art. 5º Os primeiros membros efetivos e suplentes do Conselho Federal de Educação Física serão eleitos para um mandato tampão de dois anos, em reunião das associações representativas de Profissionais de Educação Física, criadas nos termos da Constituição Federal, com personalidade jurídica própria, e das instituições superiores de ensino de Educação Física, oficialmente autorizadas ou reconhecidas, que serão convocadas pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais de Educação Física - FBAPEF, no prazo de até 90 (noventa) dias após a promulgação desta lei.

Art. 6º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília 1º de setembro de 1998; 177º da independência e 110º da República.

do outro e afeto. Também pensamos em referências mais recentes como Mujeres Creando, em Bolívia, Mujeres Públicas e Cromoactivismo, na Argentina. Pensamos também em mulheres lésbicas que são inspiradoras pra nós, como Susan Sontag, Adrienne Rich, Judith Butler, Barbara Hammer, Chavela Vargas, Chantal Akerman e outras. Elas aparecem homenageadas em um pôster que fizemos e está no fanzine, formam a figura de uma quimera de muitas cabeças. Também pensamos em escavar em mitologias diversas e recuperar a figura de deusas terríveis. Pensamos em Marielle e na luta política mais direta... Enfim, as referências são variadas e, juntas, acabam criando monstros inclassificáveis.

Vaca: A luta contra a caretice e o cinismo alicerçados pelas políticas do dinheiro e dos homens.

Mursssega: Morre, desgrassaa!!! Sou a responsável pelo "morre desgraça"...

Coala: Lula livre!

> *Têm participado nas manifestações contra Temer. Que reacções têm recebido dos outros manifestantes?*

Aranha: Sim! A reação é desde as mulheres usarem os vudus, a tirarem um absorvente interno e jogar na fogueira deles, mijarem em cima do Bolsonaro, do goleiro Bruno, do Crivela! É muito incrível a participação das mulheres, o vudu parece que relembra um poder mesmo, interno, de cada uma, e solta uma energia fabulosa!

Coala: Na verdade, as manifestações nem são mais contra o Temer, pois ele apenas representa outros crápulas que sempre ditaram as regras por aqui. Participamos de manifestação pelas mulheres, mas também pela liberdade do ex-presidente Lula que, diante da possibilidade de sua vitória nas próximas eleições presidenciais, resolveram colocá-lo na cadeia para que ele não concorresse e viesse a ser novamente o presidente do Brasil. Em todas as manifestações em que participamos sempre há o momento "fora Temer", mas sabemos que não adianta ele sair e entrar outro como ele no lugar. Nessas manifestações que participamos, costumamos queimar alguns vudus recheados de feitiços contra esses crápulas que têm feito tanto mal ao Brasil, inclusive fazendo uso de estratégias machistas e misóginas. Durante as queimas, outras mulheres se juntam ao nosso ritual, apoiando, somando forças e nos enchendo de alegria.

parece propaganda da globo
hum... rugby....

vôlei ! :)
carai, quando vamos saber que o buraco chegou no fundo???

humm... brenfa...
Chega! Precisamos agir!
Vamos recorrer aos oráculos secretos das vaginas ancestrais!

Mursssega: Sou a samambaia [planta da família dos fetos] do grupo.

Serpente: [risos]

Kalanga: Sim, participamos de várias manifestações. O mais interessante p'ra mim é ver como outras mulheres se apropriam dos vudus e dos materiais que levamos e inventam seus próprios rituais de uma forma muito espontânea e mais interessante que qualquer coisa que poderíamos imaginar ou prever.

Há muita gente a solicitar os serviços de vudu?

Aranha: Os vudus acabaram acontecendo de uma forma mais dinâmica, com o que levamos nas manifestações, onde todo mundo pega um, todo mundo quer. Mas o nosso sucesso de vendas é o zine, que vendemos a dez golpes p'ras mulheres, treze para os homens, já que eles ganham trinta por cento a mais... eles dão uma chorada, às vezes, e daí o preço aumenta.

Coala: Em nosso zine demonstramos como fazer um vudu e incentivamos que cada mulher faça o seu próprio. É muito simples, basta recortar a forma de um corpo, costurar colocando um enchimento e um feitiço anotado em um papel dentro e colar a imagem do rosto do canalha na cabeça do boneco. Depois é só juntar com as amigas e fazer o ritual da queima. Logo os resultados aparecem.

Mursssega: Faço vudu há centenas de anos. Gosto muito de sair de bike, ir ao cemitério, ficar no meu túmulo queimando vudus com meus amigos. Antigamente trabalhava numa linha mais kaiwai, mas aí eu juntei c'as desgraça dessas bruxas e a produção atingiu uma nova perspectiva estética. Agregamos valor ao produto, incorporando já no suave bordado as pragas anatômicas invocadas.

Kalanga: Sobre os vudus, temos esse tutorial engraçado de como fazer, mas, na verdade, todo Brasil já está fazendo vudus contra o Temer espontaneamente.

Vaca: Todos os dias, milhares de pessoas fazem vudus coletivos pelas praças do Brasil. #meu sonho

Quais são as vossas próximas ações já planeadas?

e foi então que a grande ppk sagrada apareceu...

a matriarca do grande grelo universal fez uma grande ligação à grande gata da misandria satânica que enviou o pdf dos tutorial de vudu maléfico instantâneo

Coala: Agora é a hora de colar as pererecas [vulvas] cabeludas com nossas colas sem glúten pela cidade! E também lançar o segundo número da zine, que vai ser principalmente sobre essa ação. Nós decidimos que já que as pessoas têm nojo de buceta, a gente ia fazer umas ppk [o mesmo que 'pererecas'] com cabelo de verdade e grudar em lugares aleatórios, p'ra galera ficar com nojo de arrancar, inclusive.
Estamos preparando o nosso powerpoint terceirizado para a venda. Fizemos um lançamento do zine 1 no Brasil e encomendámos um PowerPoint, já que notámos que os inimigos estão usando dessa mídia quase retrô por aqui, resolvemos fazer o nosso. Terceirizado, óbvio. Fez muito sucesso e vamos vender! Também estamos lançando um edital para nossa fogueira satânica, para objetos variados, que vamos queimar e consequentemente transformar em obra de arte, bem chique, bem cara. Nosso primeiro item aprovado foi a camiseta oficial do Galo (Atlético Mineiro) com o nome do Ronaldinho Gaúcho atrás: o dono da camiseta não quer o nome de um apoiador da Lava Jato nas costas, então, fogo neles.

Vaca: "Tudo pode ser, só basta acreditar, sonho sempre vem pra quem sonhar"

Kalanga: No nosso primeiro encontro já tirámos várias ideias do que queremos fazer. Como desde o princípio o plano é realizar tudo o que vier à cabeça, todos os nossos desejos, sem travas, sem pensar se estamos fazendo algo inteligente ou não, algo artístico ou não, etc, simplesmente colocar em prática as ideias de todas, realizar nossos desejos, o rumo é ir fazendo. Muitas dessas ideias estão no fanzine, que é um pouco um relatório louco das nossas primeiras atividades e das conversas dos encontros. As bruxas são também os encontros, o processo, o estar juntas para costurar, fazer vudus, fazer pererecas, conversar, trocar referências, fofocar, lanchar, tomar uma cerveja etc. Novas ideias vão surgindo enquanto fazemos tudo isso. Então o caminho é infinito.

Murssega: Os encontros são na minha casa. Todos chegam e dão comidas para o Godofredo [o cão de Murssega]. Aí, tem a hora das tarefas, da piscina, do bequi [cigarro de maconha], da larica e depois todo mundo leva o paracasa [trabalhos de casa].

Serpente: Planejamos rotas de fuga em caso de total catásfrofe – já anunciada – no Brezil.

mais tarde, na sala da oráculo
vamo fudê a machaiada!!!
Invocamos a PPK das ppks clitoruda untada ungida foragida pervertida
Para obtermos os poder pra lutá contra a corja canalha golpista...
e pra mudar essa fonte de merda, caligrafia do tinhoso...
uhauahuhah uahuahauhaha hahuahuahuah uhauhuha

Satanás! Sai daí, vou jogar um chinelo

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

Andreia Brites

Uma coleção em vias de extinção

Há uma discreta coleção juvenil nas estantes de muitas bibliotecas municipais e escolares do país. Tem mais de duas décadas de existência e poucos se lembrarão dela como novidade. Mas basta olhar com atenção para encontrar algumas pérolas. Minoria Absoluta é da D. Quixote e, em mês de Feira do Livro de Lisboa, merece uma atenção redobrada.

O exercício é simples: introduzem-se os termos Minoria Absoluta D.Quixote num motor de busca e começam a aparecer links para catálogos de bibliotecas municipais: Sintra, Serpa, Mafra, Nelas, Sobral de Monte Agraço, Pombal, Alcobaça, Loures, S. Brás de Alportel, Barreiro. Só nas primeiras duas páginas de pesquisa. Que coleção é esta? Vamos à estante.

A diversidade de autores impressiona e é impossível não se reconhecer logo um ou outro: Álvaro Magalhães, Jordi Sierra i Fabri ou Malorie Blackman, todos premiados. As origens são igualmente distintas, de Portugal à Austrália, de Espanha ao Reino Unido, de França ao Brasil. Os temas têm uma propensão para o realismo juvenil mas também há os que exploram o policial, sem contar com a célebre personagem Manelinho caixadóculos que deliciou muitas crianças e pré-adolescentes há duas décadas. A livreira Ana Rita Fernandes, que há cerca de vinte anos trabalhava na livraria Bulhosa de Cascais, lembra-se bem da personagem que era, aliás, uma das suas favoritas. Leitora compulsiva e sempre atenta ao mercado, a atual livreira da Baobá recorda que o vendedor da D. Quixote se queixava muito da dificuldade em vender os títulos da coleção e que, de entre todos, eram mesmo os seis "Manelinhos" da autora espanhola Elvira Lindo os que mais vendiam. Manelinho era irreverente, bem humorado e as suas desventuras iam ao encontro do público mais novo, a partir dos 12 anos. Apesar de ser uma espécie de Menino Nicolau atualizado, Manelinho representa também as dificuldades que uma família de classe média baixa enfrenta, entre o pouco orçamento, a relação com a escola, o desemprego e uma certa crueza e pragmatismo em relação aos valores e à sobrevivência quotidiana. Rita Pimenta dedicou-lhe um artigo no jornal *Público*, a 26 de março de 2001, que assinala a questão social a par do estilo da escrita da autora que fez furor em Espanha. Manelinho caixadóculos é uma espécie de interface entre Nicolau e Adrian Mole e, tal como eles, corre o risco de ficar datado, aqui e ali. No entanto, o seu sucesso foi notório e no enquadramento da coleção foi claramente a série que se destacou.

Em relação à grande maioria dos restantes títulos, e foram muitos (mais de trinta), a reação do público que comprava livros para a faixa etária pré-ado-

lescente e adolescente era de hesitação, por considerar os temas muito difíceis e demasiado adultos, refere ainda Ana Rita Fernandes. Dois dos títulos mais polémicos da coleção podem servir de exemplo às palavras da livreira. *Junkie* e depois *Tusa*, texto único sobre *Sexo e Adolescentes*, do escritor britânico Melvin Burgess foram recebidos com muita polémica no Reino Unido. Em Portugal a controvérsia não estalou provavelmente devido à pouca visibilidade da coleção. Mas o autor recorda, num artigo em primeira pessoa no *Guardian* em 2016, a revolta das pessoas quando *Junkie* foi editado, precisamente em 1996. Melvin Burgess reflete sobre o próprio mercado editorial e aponta a justificação para tanta controvérsia e censura: na época não se editava para adolescentes a partir dos 14. O conceito de *young adult fiction* ainda não existia nas livrarias nem nas bibliotecas. Por isso, *Junk* (no original inglês) seria destinado a leitores de 11, 12 anos, o que não era de todo a intenção do escritor. Ao invés, o seu desejo era precisamente aproximar-se de uma faixa etária mais velha que convivia com esta realidade através de um discurso sincero e realista, sem moralismos falsos ou auto-censuras didáticas. A única diferença entre *Junkie* e *Os Filhos da Droga* ou *Trainspotting*, dois livros icónicos sobre a droga para duas gerações sucessivas, é que o primeiro era juvenil e os outros estavam na secção de adultos. Quem eram os leitores modelo? Os jovens, esse nebuloso intervalo de tempo ainda por explorar.

O que queríamos editar eram romances de grande atualidade, não queríamos fórmulas. Depois tínhamos mui-

ta diversidade porque também incluímos enredos policiais e personagens mais cómicas.

Apesar do risco, *Junkie* não foi o único título da coleção Minoria Absoluta a versar o tema da droga. Também *Voltei para te dizer que podia voar*, da australiana Robin Klein, versa uma narrativa sobre a amizade de um rapaz de 11 anos, escondido do pai pela mãe separada, com uma jovem de 20, grávida e toxicodependente. A história passa-se em dois tempos, um primeiro momento em que os dois se conhecem e em que o protagonista acaba por se deixar ingenuamente enredar nas mentiras da jovem, e uma segunda fase em que ela lhe tenta provar a sua recuperação. O livro é o quinto título da coleção, publicado em 1999, no mesmo ano de *Junkie*. Sete anos depois, uma adolescente portuguesa faz o resumo da novela no seu blogue e recebe meia dúzia de comentários positivos dos seus pares que já tinham lido ou estavam a ler o livro e que o tinham escolhido para ser apresentado aos colegas no âmbito da disciplina de português. Pesquisando um pouco chegamos a alguns blogues escolares que estiveram ativos entre 2007 e 2010, quando os programas de português e língua portuguesa incluíam um tempo dedicado à leitura autónoma e os contratos de leitura se tornaram uma prática generalizada em muitas escolas. O selo LER+ do PNL funcionava, como acontece até hoje, como referência e alguns destes títulos constavam na lista de recomendações. Nestes blogues há comentários de alunos do 3.º ciclo e apresentações por parte dos professores. Numa escola de Lagoa, por exemplo, a professora juntou os comentários das leituras dos alunos de várias turmas no blogue

Aqui há leituras. Entre 2009 e 2010, a par da saga Ulysses Moore, de *Crepúsculo*, *Marley e eu*, Nicholas Sparks, *O Diário Secreto de Adrian Mole*, Manuel Alegre ou ainda Stephen Hawking, aparecem precisamente *Junkie* e *Não me mintas*. A rede de bibliotecas de Carregal do Sal, em 2009, tem na partilha de leituras breves notas a *35 quilos de esperança*, com a feliz particularidade de haver comentários de duas professoras e de três alunos.

A professora bibliotecária Helena Roquete, responsável pelas bibliotecas do agrupamento de escolas de Montemor-o-Novo continua a recorrer algumas vezes a títulos da coleção precisamente quando aconselha leituras para apresentações. «Os alunos querem livros pequenos. É o principal critério deles. Nem são o número de páginas. Então, um dos livros que sugiro é o *35 quilos de Esperança*, de Anna Gavalda. Não é só por ser pequeno. É porque gosto mesmo do livro e acho que pode ser bom para muitos alunos. Mas o facto de ser pequeno ajuda a convencê-los.» A sua expectativa é de que, depois de começarem a ler, se interessem pela história de Grégoire, um rapaz com muitas dificuldade em se concentrar cujo insucesso escolar se repete, apesar do esforço dos pais. Todavia, o problema do rapaz não é a indiferença. Por muito que tente estar com atenção, por muito que se empenhe em estudar, Grégoire não compreende os conteúdos que deveria aprender nas aulas. O conflito entre os pais contribui para uma culpa secreta que apenas a cumplicidade do avô aligeira. É aliás na sua oficina que se sente bem, é de trabalhar com as mãos e de construir coisas que o jovem realmente gosta. Neste cenário de fraca autoestima Grégoire acaba por aceitar sujeitar-se a mudar de escola e o internamento súbito do avô ainda põe mais à prova a sua resiliência. O texto é linear e acompanha sempre o protagonista, estabelecendo com o leitor uma empatia que deriva do seu próprio sofrimento. Neste livro o insucesso escolar revela mais do que esconde, revela uma história e uma razão por trás, como tantas vezes acontece quando estamos atentos. Infelizmente, talvez por ser muitas vezes requisitado por aqueles que têm mais objeções a ler, o livro não circula tanto quanto seria natural, se realmente fosse apresentado com entusiasmo.

Quando lhe perguntamos se se lembra do porquê de adquirir alguns dos títulos da coleção, tenta avivar a memória mais distante: «Ora, pois disso

não me lembro, francamente. Já foi há muito tempo e não sei se já era a professora bibliotecária quando comprámos os livros. Mas tenho ideia de termos visto num catálogo e termos achado interessante. Nessa altura só estava na biblioteca da Escola Secundária, que tinha alunos a partir dos 12 anos. Os livros que comprámos eram adequados ao público do 3º ciclo e do secundário.» Dos quatro que facilmente se encontram nas estantes da biblioteca da escola EB 2/3, Helena fala com mais entusiasmo de *O meu primeiro beijo e outros traumas*, de Adam Bagdasarian, editado em Portugal em 2004. «Li-o e gostei do sentido de humor com que o narrador relata algumas situações da adolescência. Acho que os alunos se podem identificar.» Por isso escolheu o livro para a primeira fase do concurso nacional de leitura. O primeiro conto dá nome ao livro e descreve precisamente o primeiro beijo de um adolescente que, de tão desejado e treinado, se perde numa artificialidade constrangedora. O tom anticlimático é promovido não apenas pela situação como pelos pensamentos do protagonista que a páginas tantas prolonga o beijo por não saber exatamente que duração seria aceitável. É de detalhes como este que cada conto se alimenta para valorizar as dificuldades que os adolescentes enfrentam perante os pares, em família e no percurso escolar.

Já *Casting*, de Jordi Sierra i Fabri, e um dos últimos a ser editado na coleção, é o que menos sai da estante. O título deveria ser pelo menos apelativo

Há espaço para a SIDA, a condição feminina e a exploração científica, os primeiros amores, e sobretudo, a via-

gem iniciática, real ou simbólica, que altera os valores e a consciência dos protagonistas destas novelas.

numa altura em que tantos adolescentes aspiram a ser conhecidos e comunicar publicamente, seja através do palco ou das redes sociais. A narrativa realista terá eventualmente um senão para os leitores menos competentes: é polifónica e em grande parte o presente é apenas um pretexto para constantes analepses por parte das três personagens. O tom quase diarístico e introspetivo frustra o leitor cujo único grande objetivo para a leitura é saber o que acontece no casting e quais as suas consequências.

Hoje, pouco se sabe sobre a coleção. Na D. Quixote são poucos os que, da equipa editorial de então, ainda continuam. Carla Teixeira Pinheiro, a atual editora infantojuvenil chegou depois e não tem dados que possam esclarecer a origem de Minoria Absoluta. O que assegura é que a coleção há muito saiu do mercado. Já Cecília Andrade, que agora se dedica à edição para adultos, já estava na editora na época. Embora não tenha uma memória muito precisa, recorda que também leu originais e escolheu alguns títulos. «Sei que havia um sobre violência, outro sobre anorexia, outro sobre droga...» Quando mencionamos os títulos a editora recorda-se: «*Junk*! Era esse mesmo! Fui eu que o li.» E conta à *Blimunda*, dentro do possível, como nasceu a coleção: «Vimos uma oportunidade de mercado.» Foi na altura em que havia um editor da Anaya a trabalhar na D. Quixote, depois de o grupo espanhol ter entrado para a editora. «O nosso parceiro espanhol ajudou-nos a dar o pontapé de saída porque conhecia livros espanhóis que tinham

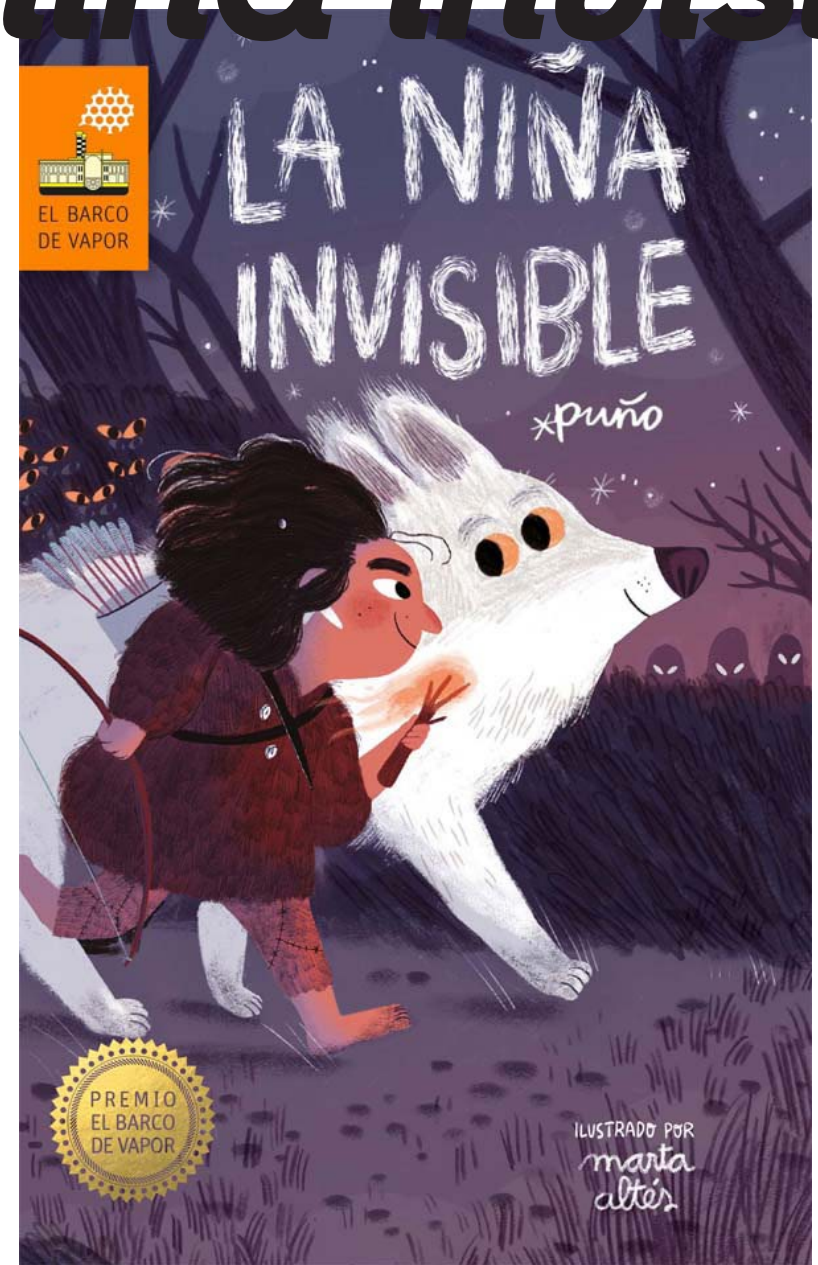
corrido, do ponto de vista das vendas, muito bem em Espanha.» Isso justifica a percentagem de autores espanhóis na coleção: Agustín Fernández Paz, Manuel Valls, Martín Casariego Córdoba, Marilar Aleixandre, Suzo de Toro,Carlo Frabetti, Justo Navarro. «O que queríamos editar eram romances de grande atualidade, não queríamos fórmulas. Era o principal critério. Depois tínhamos muita diversidade porque também incluímos enredos policiais e personagens mais cómicas. Lembro-me de um livro que uns sobrinhos do Jorge Amado escreveram só com emails. Chamou-nos a atenção porque estávamos no início do email!» De facto, *A N@ve de Noé* foi escrito por dez primos, todos descendentes de Graciliano Ramos e Jorge Amado. O livro é construído através dos emails que trocam as personagens juvenis que inventam para cada um e alimenta, para além de dramas familiares e do quotidiano, um mistério que todos gostariam de desvendar. Júlia e a mulher desaparecida, o primeiro título do catalão Manuel Valls na coleção, antes dos livros dedicados à adolescente Eva, também trilha os caminhos do mistério policial quando a protagonista assiste acidentalmente a um aparente assassinato. Ainda há espaço para outros temas como a SIDA, a condição feminina e a exploração científica, os primeiros amores, e sobretudo o crescimento e a viagem iniciática, real ou simbólica, que altera os valores e a consciência dos protagonistas do princípio até ao fim de algumas destas novelas. «Queríamos que a coleção se destinasse a jovens entre os 12 e os 16 e que se passasse num contexto atual. Achávamos que havia um nicho de mercado para esses temas.» Ao que aconteceu depois, nomeadamente às razões que terão levado ao fim da coleção, Cecília Andrade já não sabe responder. «Sabe que quando a coleção saiu todos fazíamos um pouco de tudo. Depois, fomos deixando de trabalhar tanto assim e eu assumi apenas a edição de adultos. Como me afastei da área juvenil perdi a noção do que aconteceu à coleção.»

Não se espere pois encontrar nenhum exemplar no stand da D. Quixote, na Feira do Livro de Lisboa. Contudo, quem estiver interessado pode procurar nos pavilhões dos alfarrabistas. Seguro, seguro é encontrar pelo menos um quarto dos quarenta títulos numa Biblioteca Municipal.

and the winner is...

O Prémio El Barco de Vapor é atribuído, pela Fundação SM, em nove países ibero-americanos onde a Fundação tem chancelas editoriais: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México, Perú, Porto Rico e República Dominicana. Tem como principal objetivo distinguir anualmente uma obra de literatura infantil editada originalmente em cada um dos países como forma de a promover e estimular a criação literária. O Prémio Gran Angular destina-se a assinalar a qualidade da literatura juvenil e existe apenas em Espanha, para edições em castelhano e também para edições em catalão, e no México. No final do passado mês de abril foram anunciados os vencedores dos dois galardões em Espanha. Foi o primeiro país a escolher os vencedores de 2018, no ano em que este Prémio comemora quarenta anos de existência em Espanha, onde nasceu a Fundação SM.

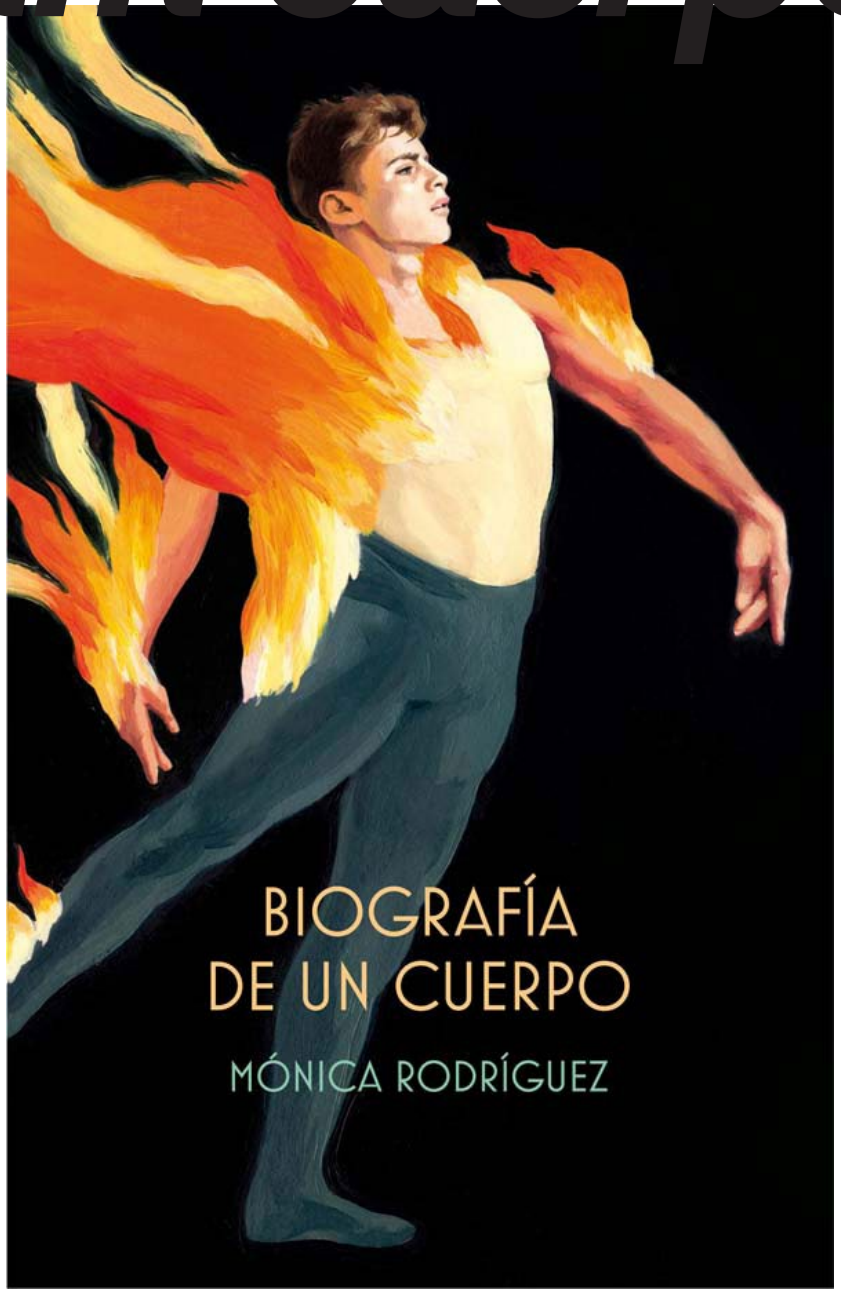
La niña invisible



Prémio SM El Barco a Vapor: Espanha (Castelhano)

La niña invisible **David Peña Toribio,"Puño" e Marta Altés. Passada na pré-história, a narrativa acompanha com leveza e humor a concretização do desejo de uma menina que quer, à semelhança dos elementos masculinos da tribo, empreender uma viagem. Consegui-lo-á recorrendo a estratégias que colocam em cima da mesa o tema muito atual da discriminação de género.**

Biografía de um cuerpo



Prémio SM Gran Angular: Espanha (Castelhano)

Biografia de um cuerpo, **Mónica Rodriguez. Esta narrativa juvenil explora os conflitos e as revoluções por que passa um adolescente, bailarino de dança clássica perante as mudanças físicas e psicológicas que sofre e as suas relações sociais, tendo a dança como principal desejo.**

espelho meu

ANDREIA BRITES

A MINHA MÃE

Stéphane Servant, Emmanuelle Houdart
Orfeu Negro

Nada neste álbum é óbvio. A relação entre referente e símbolo deixa um vazio desafiante, desconfortável, desconcertante. Logo na dimensão do livro começa a exuberância. Mas não é uma exuberância de excesso de cor ou forma. Há algo de contido nesta mulher jardim, elegantemente maquilhada e de olhar doce centrado na menina que a acaricia. Na contracapa, o corpo estende-se à raíz e um homem jardineiro emerge de um livro para o regar. A um tema universal e intemporal: o elogio da maternidade, dá este texto uma ambivalência cifrada. Que filha não tem medo de perder a mãe? Que mãe não sofre pela sua filha e por si, pelo medo de não a acompanhar, de não estar? Esta mãe é toda ela emoção, toda ela fertilidade, toda ela proteção, toda ela força, segurança, determinação. Todavia, nem uma destas palavras poderia participar no monólogo da menina, sob pena de o transformarem em qualquer coisa banal. Não importa que o leitor possa elencar, sem abrir o livro, todos os topoi relacionados com essa condição. Importa abrir o livro e não aceder a tudo, mesmo que no conjunto tudo se integre, dialogue e atinja essa plenitude. A mãe pode ser real mas a grande revelação do álbum é a metamorfose, a transfiguração, a polifonia identitária.

Se o texto assenta em metáforas, jogos de opostos, imagens e a cadência uniforme da lírica, a ilustração é o grande mistério e a grande força do livro. É como se Emmanuelle Houdart se espelhasse em Frida Khalo, a interiorizasse e se refletisse em novas multiplicidades. As posições da mãe, a sua constituição mítica, de raposa a ave com rosto de mulher, a total conversão ao natural que por sua vez ilumina o bucólico com cores e tons do verde ao vermelho plenos de contrastes, sombras suaves e contornos e manchas pretas. Os padrões das flores, como as escamas de um réptil ou as asas de um pássaro ou uma borboleta tanto rodeiam as duas como

lhes servem de padrão aos trajes. O ninho e o voo são elementos basilares neste processo de libertação e segurança e estão sempre presentes. Com eles, a candeia, a bússola, a espada, a manta vão surgindo na bagagem desta mãe, conforme a necessidade. Para que, depois de cortar os laços da dependência, os possa entregar à filha nessa partida sempre inevitável, nessa dor paradoxal que é a da liberdade e da autonomia. A penúltima ilustração regressa às origens e, com ela, mãe e filha conseguem apaziguar-se dentro desse imenso turbilhão de fisicalidade sensorial.

Constatando que a leitura deste álbum desconcerta pela originalidade das suas ilustrações, que não se creia que não é um livro para ler às crianças. Ao contrário, elas sentem-no logo à superficie e não as podemos privar disso.

A MEIA PERDIDA

Anine Bösenberg
Bruaá

Numa casa acolhedora, a menina dá por falta de uma das suas meias no estendal da casa de banho. Enquanto isso a mãe tricota com uma manta sobre as pernas, confortavelmente sentada no sofá da sala. O pai pode ser aquele que aparece de gorro a espreitar nuns binóculos numa fotografia na parede da sala. É o mesmo que está com a mãe numa outra. A avaliar pelas roupas que ambas usam, pelo cachecol estendido e pelas galochas que permanecem junto à porta da rua, deve estar frio. É precisamente na sala de entrada, onde está a mesa de refeições, que a imagem de um barco e um mapa mundo sugerem que o pai poderá ser marinheiro. O facto é que não está presente, nem ele nem a meia. Porém, um fio vermelho indica o trilho a seguir em busca da meia desaparecida. Podiam ser migalhas na floresta... Mãe e filha partem então. O frio que se antecipava confirma-se. As duas levam um trenó e os seus pés deixam pegadas na neve. O telhado, os parapeitos e o pequeno alpendre estão igualmente cobertos de neve. Tudo é branco: o chão, o horizonte, os rostos. O contraste quase não existe, com o azul claro a cobrir as copas das árvores e os arbustos e o azul escuro a dar forma aos troncos e aos ramos. De vermelho, apenas apontamentos: os gorros, as luvas, as meias, algumas bagas e claro, o fio da meia.

É aliás o fio que conduz toda a progressão desta narrativa visual delicada e detalhada. Apesar do muito que se lê, não há profusão de elementos por página. Isso não invalida as surpresas que remetem para um património dos contos tradicionais para logo os subverterem. Há um gato a pescar num rio gelado, um caçador e uma raposa que se entretêm, sentados num ramo de uma árvore a brincar com o fio de lã da meia, uma mulher de cujo cachimbo saem nuvens que a certa altura têm a forma de uma lebre e uma tartaruga, um abominável homem das neves que quase não se distingue, um cavaleiro com um cão e um mapa, um urso em hibernação, uma família com três porquinhos, dois patos a patinar, um esquilo a ler, muitas tocas com portas e chaminés e muita tranquilidade nesta coexistência. Há também qualquer coisa de lúdico e desafiante no percurso da menina e da mulher, que treme a descer a encosta no trenó a grande velocidade enquanto a mais nova rejubila de adrenalina. Mais atrás, um texugo vai esquiando com mais prudência. Os seus rostos denotam alegria, comunicam com aqueles com quem se cruzam e nunca perdem a determinação. Nada as afasta da sua missão e, para todos os efeitos, tudo e todos podem ser seus coadjuvantes na busca. O que se antecipa numa imagem, só a seguinte revela e faz avançar. Para além do fio, que tem um papel essencial na lógica narrativa, os recortes sucessivos de pequenos pormenores indiciam uma hipótese de vislumbre do que vem a seguir, alimentando sempre a progressão e o mistério. Da janela à porta de uma toca, do contorno da copa de uma árvore à escuridão da gruta do urso, há vazios quase impercetíveis que contribuem decisivamente para o jogo das escondidas. O desenlace é circular, com o fio a conduzi-las de novo a casa, como sempre acontece com o próprio jogo. Aqui, todavia, concretiza-se a descoberta. O álbum acaba por poder ser lido como um jogo de enganos naif e afetivo, como fica claro no final.

ña

país

Pilar del Río

país

Jonan Fernández

co

60

De como José Saramago se tornou militante pela paz no País Basco

Pilar del Río

José Saramago estava em Coimbra quando uma pessoa de nome Jonan Fernández, que se apresentou como membro da associação Elkarri, telefonou para pedir que o escritor português participasse numa campanha pelo diálogo para a paz no País Basco que seria lançada brevemente. O telefonema produziu-se num momento absolutamente inoportuno, não só porque José Saramago estava a ponto de começar uma intervenção mas, sobretudo, porque acabava de saltar a notícia de que a ETA tinha voltado a matar — e estávamos em estado de choque. Respondi com ferocidade, sem necessidade de consulta prévia: «Vocês já condenaram o assassinato que acaba de acontecer ou estão à espera de tempos melhores?». Se Jonan Fernández não fosse a pessoa que é, serena, agradável, cheio de razões e paciência, teria desligado o telefone naquele momento, mas não o fez. Demonstrou que dar explicações era a sua marca e também a sua função. Disse que o atentado já tinha sido condenado, que estava a deslocar-se para acompanhar as vítimas e que a urgência da ligação tinha a ver com a impotência que sentia e com a necessidade de colocar fim àquela situação. Acabar com todas as violências a partir da razão e da valentia era o objetivo da campanha, explicou. Entendi a lição e combinámos ver-nos nos dias seguintes. Desde então, somos amigos e cúmplices.

José Saramago assumiu a campanha de Elkarri e fez-se membro desse grupo que assumia de forma tão clara a ética da responsabilidade. Com o Elkarri viajou para o País Basco defendendo a urgência de superar as violências. Infelizmente também assistiu a alguns enterros, já que a ETA ainda atentava contra a vida. Participou na Universidade Basca numa homenagem a outro ativista da paz assassinado, o magnífico professor catalão Ernest Luch, ex-ministro socialista. E com o pintor Tàpies e o lehendakari Ibarretxe interveio no lançamento da campanha «A paz é possível». E assim foi. Muitas manifestações depois, muitos gestos depois, a paz chegou e José Saramago, que não viu o anúncio da dissolução da ETA, pôde desfrutar de um clima diferente, já sem proteção policial e com a alegria de quem regressa a uma casa querida e onde é querido. As portas de Euskadi nunca mais se fecharam e Jonan Fernández tem responsabilidade nessa expansão de afetos.

Saramago

Jonan Fernández

texto publicado em Agosto de 2012 no jornal *Naiz*

Faz dois anos e três meses que morreu José Saramago. Até àquele dia, qualquer causa justa, perdida ou não, em qualquer canto do planeta, podia encontrar receptividade e apoio em José Saramago. O telefone, o e-mail ou a morada de Pilar del Río sempre estavam abertos para poder dar uma palavra de resposta e alento. Digo-o não porque me tenham contado mas porque fui testemunha disso. No País Basco a causa da paz teve em José Saramago um aliado ativo durante muito tempo. Nos treze anos de história do Elkarri, ele acudiu às nossas chamadas sempre que o fizemos. Pela mão da Pilar, recebeu-nos, escutou-nos e respondeu-nos sempre. Apoiou ativamente a ideia do diálogo, num tempo em que isto era uma heresia em contracorrente com o dogma oficial.

É uma grande pena que José não possa ver e celebrar o fim definitivo da violência da ETA , que faz agora quase um ano.

Foi um dos poucos que na cena internacional contribuíram para isto, quando fazê-lo era difícil, quando era comprometedor dizer determinadas coisas, ou quando os meios estatais te atacavam por defender o diálogo ou um conceito de direitos humanos sem excepções.

Vamos um pouco mais além da nossa realidade local. A obra literária de José Saramago é um património universal. Com ela, também o é a força da sua voz crítica. A cada ato em que

participava, fosse receber o Prémio Nobel ou dar uma pequena conferência, emprestava a sua voz para fazer um apelo ao mais profundo da consciência humana. Foi como os antigos profetas, denunciou antes do tempo a crise que agora nos assola, mas que ninguém via ou queria ver.

Há poucas vozes críticas no mundo que tenham esta capacidade de interpelar a consciência humana e que, além de tudo, o façam, e continuem a fazê-lo sem se perder em vaidades ou frivolidades. Isso perdeu-se com José Saramago, uma dessas últimas vozes no mundo que clamam, com sensibilidade humana e artística e com determinação pessoal e política, pela solidariedade e a justiça. Resta a sua obra, e também a lembrança das suas palavras, dos seus discursos e dos seus livros. Para isso, entre outras coisas, está a Fundação José Saramago e o trabalho da sua presidenta, Pilar del Río.

Saramago foi uma referência para Elkarri e continuou a sê-lo para Baketik (centro pela paz), em Arantzazu. De facto, a primeira apresentação que fizemos deste projeto à comunicação social faz hoje seis anos e contou com a presença de ambos.

No Baketik estamos agora num momento de mudança. Queremos

redefinir a nossa missão e projeto num contexto que reflicta dois novos fatores: a crise e o princípio de paz. Depois de um ano de transição e reflexão, apresentamos as conclusões para uma nova etapa do Baketik. Essas conclusões resumem-se numa proposta e um projeto. A proposta denomina-se Dínamo, e o projeto é o conjunto de recursos que o Baketik disponibiliza para promover essa proposta.

Tudo isso vamos dar a conhecer no dia 29 de setembro. Tudo isso se resume numa ideia fundamental. A missão do Baketik é promover o principal poder de mudança pessoal e social que há nas pessoas: escolher com sentido ético. Isso tudo foi, de alguma maneira, inspirado por Saramago e pela frase que nos ofereceu no nascimento do Baketik: «Não mudaremos a vida se não mudarmos de vida».

Por tudo o que já foi dito e por muitas outras razões que não cabem neste espaço, o Baketik quer que este evento seja um momento de lembrança e reconhecimento a José Saramago. Queremos manter presente a sua voz crítica. Pilar estará connosco. Quero convidar todos os amigos e amigas de Saramago em Euskadi a participar neste ato.

O que faremos neste dia será modesto; mas gostaríamos que fosse uma ocasião para um encontro de amigos de Saramago por distintas razões, e que este encontro fosse a semente de outro ato que, posteriormente, pudesse abranger toda a policromia de matizes e cores que a presença e a voz de Saramago deixou na nossa terra.

UM EURO.

Casa Fernando Pessoa
Fundação José Saramago

Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor mediante apresentação do bilhete de entrada na primeira Casa visitada. O desconto tem a validade de 10 dias.

10 ANOS YEARS AÑOS

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org

Casa Fernando Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt

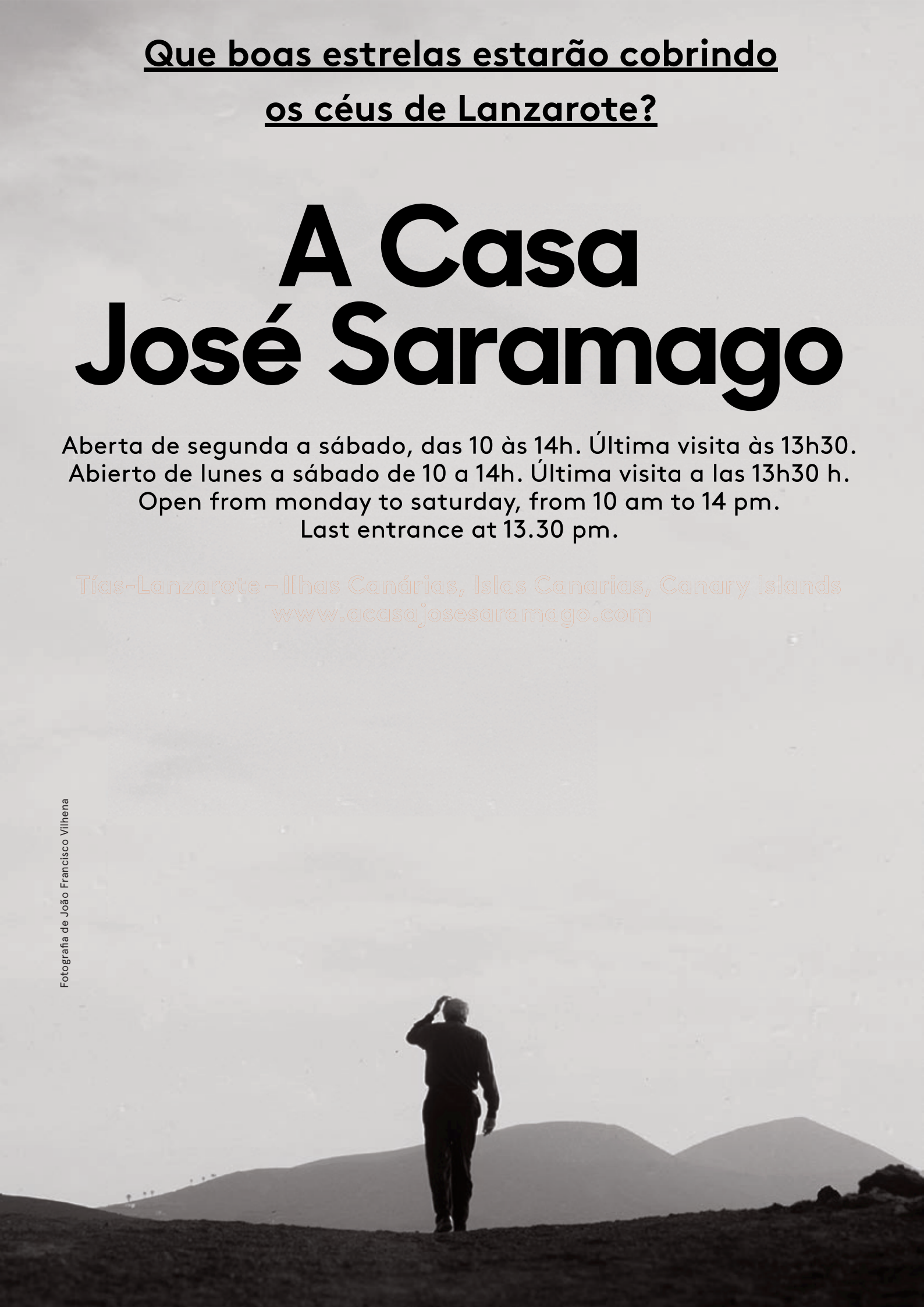
EGEAC

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

maio

YEŞIM ÖZSOY

ATÉ 3 JUN *Històries d'Istanbul, a Contrapeu*

Espectáculo criado a partir de um texto da escritora turca Yeşim Özsoy, reflectindo sobre a cidade de Istambul e os conflitos e mudanças que hoje atravessa, sempre impossíveis de desligar da sua história e heranças. Barcelona, Teatre Lliure. ➔

ATÉ 19 JUN *Leituras no Mosteiro*

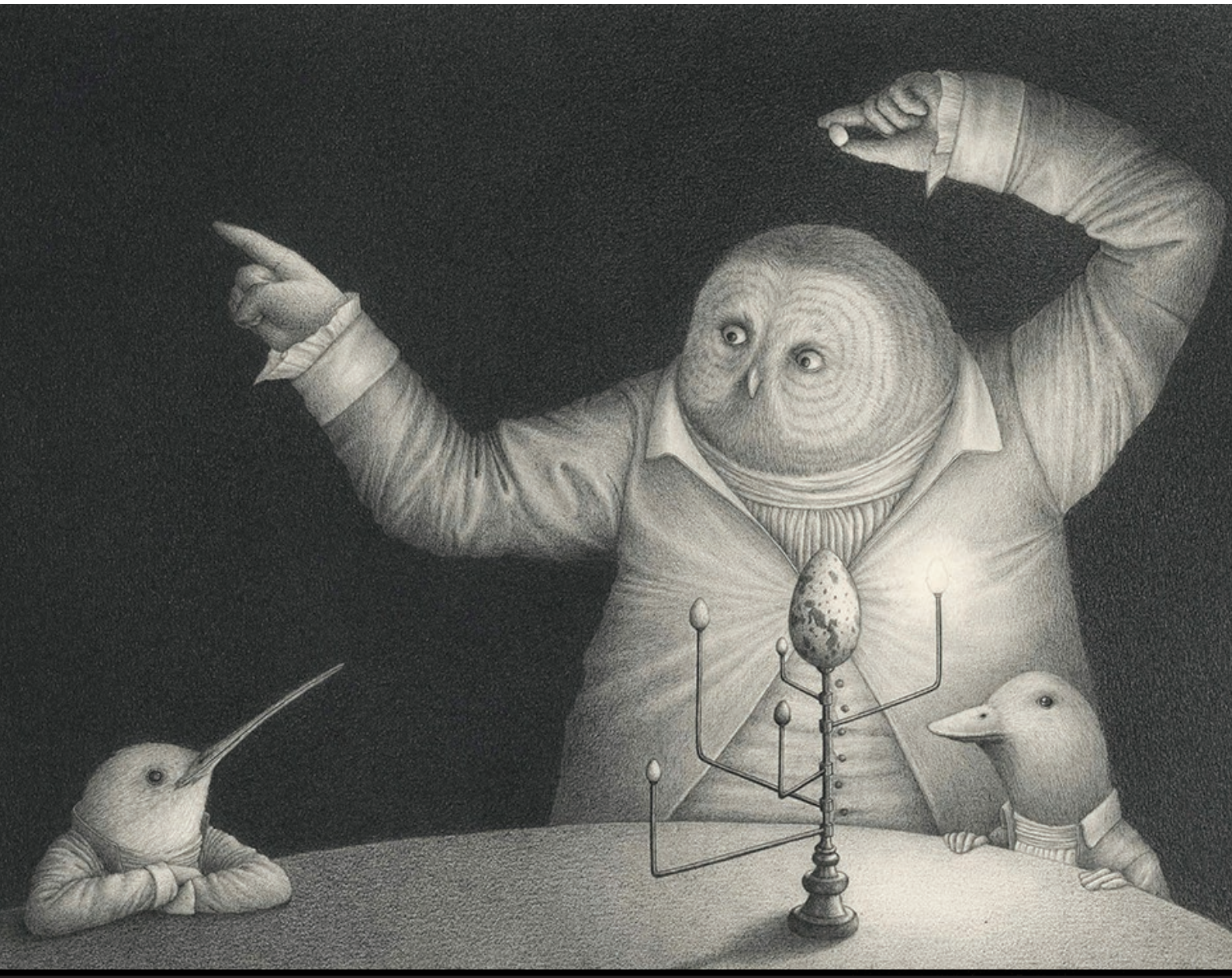
Inseridas na programação do Teatro Nacional de S. João, as Leituras no Mosteiro prosseguem até Junho, com propostas de leitura que passam pela atenção à presença das mulheres na literatura e à sua relação com a herança da cultura helénica. Porto, Mosteiro de S. Bento da Vitória. ➔

ATÉ 22 JUL *El Miedo Como Herida*

Exposição de fotografias de Elena de la Rúa em torno do medo e do modo como este sentimento interage com o corpo e com o mundo que o rodeia.
Madrid, Centro Centro. ➔

ATÉ 2 SET *Ilustrarte 2018*

A bienal internacional de ilustração para a infância instalou-se este ano em Castelo Branco, mostrando os trabalhos de 50 ilustradores seleccionados entre cerca de três mil participantes, oriundos de vários países. Castelo Branco, Centro de Cultura Contemporânea. ➔



DAVID ÁLVAREZ

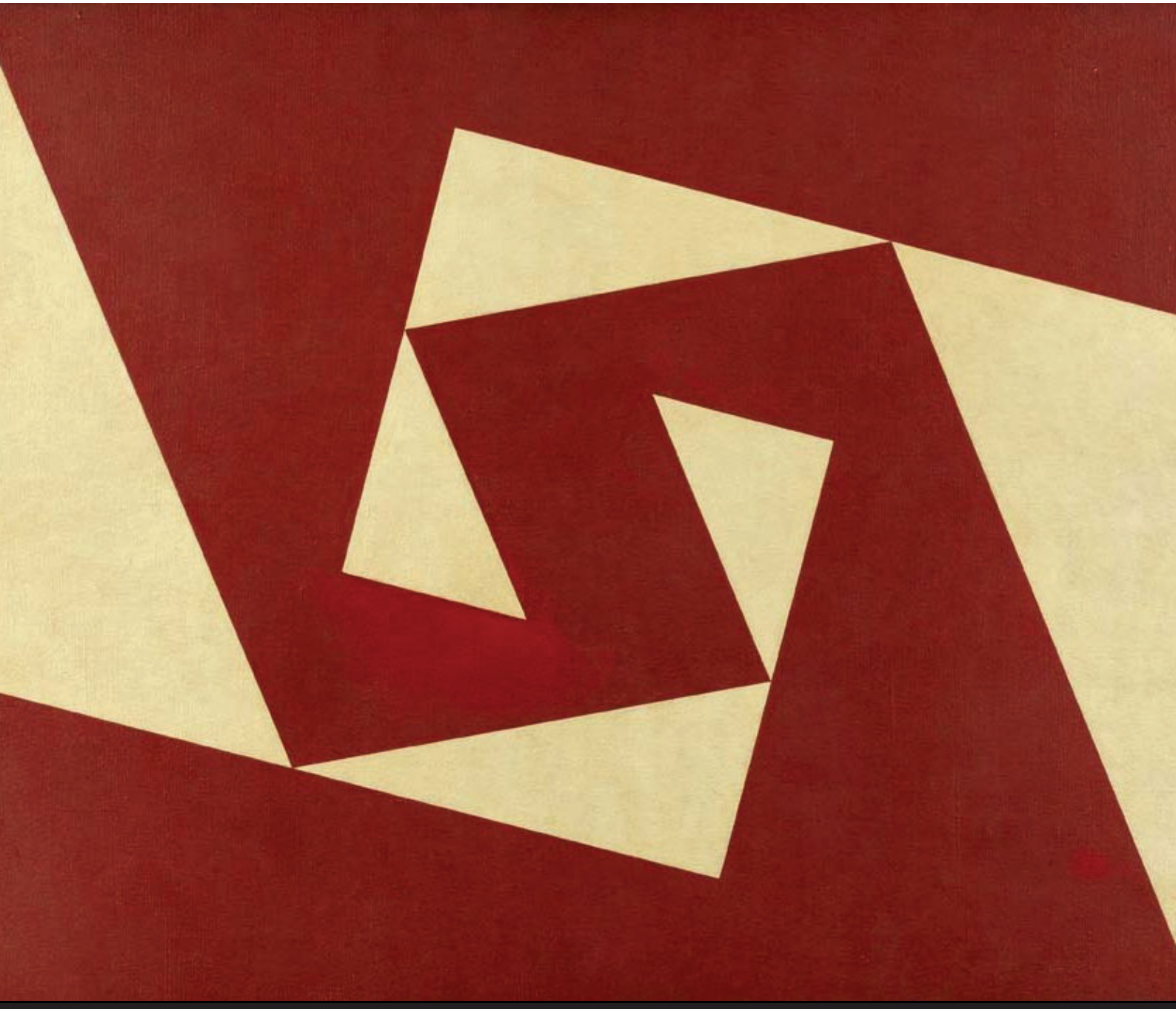
ATÉ 7 OUT *Turismo e fotografía. Català-Roca en Galicia 1956-1976*

Exposição das fotografias de Català-Roca que, entre as décadas de 50 e 70, registou a vida quotidiana da Galiza e vários dos seus momentos de festa e celebração, compondo um espólio visual de grande relevância histórica e Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza. ➔

ATÉ DEZ *Alucinações à Beira Mar*

Exposição que destaca vários trabalhos integrantes do acervo do MAM, propondo um percurso pela arte brasileira e internacional das últimas décadas. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna. ➔

ALUÍSIO CARVÃO



25 MAI A 13 JUN *Feira do Livro de Lisboa*

88.ª edição da feira que reúne editoras, mas igualmente alguns alfarrabistas e livrarias, ao longo do Parque Eduardo VII. Lisboa, Parque Eduardo VII. ➔

25 MAI A 10 JUN *Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja*

O XIV FIBDB instala-se em oito espaços da cidade de Beja, mostrando obras recentes da banda desenhada portuguesa e de vários outros países. Beja, vários lugares. ➔

JOSÉ RUY

25 E 26 MAI *Festival TNT*

O festival Tabacaria no Teatrão reúne, em Coimbra, uma dúzia de músicos e bandas nacionais e estrangeiras, para duas noites de sonoridades fortes. Coimbra, Teatrão. ➔

1 A 6 JUN *Antiprincesas: Clarice Lispector*

Baseada no livro da colecção infanto-juvenil Antiprincesas (Tinta da China/ EGEAC), uma peça dedicada à vida e à obra da escritora Clarice Lispector, com direcção e interpretação de Cláudia Gaiolas. Lisboa, Teatro Municipal São Luiz. ➔

Depois choveu e a terra ficou subitamente verde
com um enorme arco-íris que não se desvaneceu
nem quando o sol se pôs

Nessa primeira noite ninguém dormiu e toda a
gente saiu das cidades para ver melhor as sete cores
contra o fundo negríssimo do céu

E houve quem chorasse de joelhos na terra
branda nas ervas que rescendiam do vertiginoso
cheiro do húmus

E houve quem ininterruptamente cantasse uma
extática melodia não ouvida antes que era o longo
suspiro soluço da vida que nascendo se sufoca plena
na garganta

O Ano de 1993

José Saramago